7º Seminário de Graduação e Pós-Graduação em Relações Internacionais da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI): “Rumo à multipolaridade? Tensões, alianças e o lugar do Brasil na ordem global”
12, 13 e 14 de dezembro de 2024, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre
Área Temática: Análise de Política Externa

UMA ANÁLISE DAS VARIÁVEIS ESTRATÉGICAS E GEOPOLÍTICAS DA APROXIMAÇÃO COOPERATIVA SINO-RUSSA SOB XI JINPING E PUTIN (2012/2023) Á LUZ DA TEORIA DO REALISMO NEOCLÁSSICO

Maurício Thurow Levien[1]

RESUMO EXPANDIDO

O presente trabalho discorre sobre a aproximação cooperativa entre China e Rússia sob os governos de Xi Jinping e Vladmir Putin, durante os quais os níveis de colaboração entre os dois países euroasiáticos aumentaram gradativamente em áreas estratégicas, alcançando um patamar, de acordo com Xi e Putin em 2022, de uma “parceria sem limites” (JOINT..., 2022).

As dimensão mais destacada foi a política externa, com ênfase em uma crescente convergência normativa. Tal perspectiva é evidenciada nas interações bilaterais, em instituições multilaterais (como votações no Conselho de Segurança da ONU e na atuação na Organização para Cooperação de Xangai) e, principalmente, pela vinculação das estratégias de projeção regional dos países, a União Económica Eurasiática e a Nova Rota da Seda, em 2015, visando uma “grande parceria euroasiática” (PUTIN CALLED…, 2016; KACZMARSKI, 2017; LUKIN; NOVIKOV, 2021). Ademais, outros dois âmbitos de relevante crescimento são o comércio energético, especialmente após a eclosão do conflito na Ucrânia (GRIFFIN, 2023; VAKULENKO, 2023), e a esfera militar, com destaque para exercícios militares multilaterais (WEITZ, 2021; HART *et al.*, 2022).

Em termos metodológicos, o estudo utiliza de um quadro causal formulado com base na Teoria do Realismo Neoclássico, objetivando entender as variáveis que impactam em tal dinâmica cooperativa (Variável Dependente), diferenciando-as em termos de seu nível de

[1] Doutorando em Estudos Estratégicos Internacionais pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI - UFRGS). Contato por e-mail: mauriciolevien96@gmail.com

análise - sistêmico x unidade - (Variáveis Intervenientes) e problematizando-as de acordo com o impacto causal de uma sob a outra. Nesse sentido, destaca-se como o problema de pesquisa do trabalho a seguinte pergunta: De que forma as lentes teóricas dos níveis de análise do Realismo Neoclássico explicam as tendências contraditórias da aproximação cooperativa sino-russa sob Xi e Putin?

Como hipótese, estabelece-se uma linha de base estrutural (*structural baseline*) de comportamento na qual a configuração da balança de poder do Sistema Internacional (*system-level factor*) impulsiona um alinhamento cooperativo para a relação sino-russa. Após isso, acrescenta-se uma camada crítica de variáveis intervenientes a nível da unidade (*unit-level factors*) que se enquadram entre os parâmetros sistêmicos e a política externa real dos estados e modificam o impacto do primeiro sobre o último, fortalecendo ou enfraquecendo a linha de base estrutural (ROSE, 1998; RIPSMAN; TALIAFERRO; LOBELL, 2016; KOROLEV; PORTYAKOV, 2019).

O presente artigo visa agregar a essa agenda de pesquisa, com ênfase em fornecer uma contribuição em dois níveis: primeiro, no âmbito teórico, reforçando a utilidade do Realismo Neoclássico como ferramenta de análise de política externa para a cooperação sino-russa; e, segundo, em nível empírico, problematizando o contexto decorrente das consequências dos confrontos militares na Ucrânia, enfatizando as diferenças em ambos os casos (2014 e 2022), e escrutinando a complexidade das interações entre ambos atores na Ásia Central, com ênfase nas reverberações do conflito ampliado em 2022 para tal dinâmica.

Palavras-chave: Cooperação estratégica Sino-Russa; Política Externa; Geopolítica.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho discorre sobre a aproximação cooperativa entre China e Rússia sob os governos de Xi Jinping e Vladimir Putin, durante os quais os níveis de colaboração entre os dois países aumentaram gradativamente em áreas estratégicas, alcançando o patamar de uma “parceria sem limites” (“JOINT...”, 2022).

Em termos metodológicos, o estudo utiliza de um quadro causal formulado com base na Teoria do Realismo Neoclássico, objetivando entender as variáveis que impactam em tal dinâmica cooperativa (Variável Dependente), diferenciando-as em termos de seu nível de análise - sistêmico x unidade - (Variáveis independentes e intervenientes, respectivamente) e problematizando-as de acordo com o impacto causal de uma sob a outra. O problema de

pesquisa do trabalho é: Porque as lentes teóricas dos níveis de análise do Realismo Neoclássico explicam as tendências contraditórias da aproximação cooperativa sino-russa sob Xi e Putin? A hipótese de pesquisa infere que a atenção às considerações divergentes decorrentes dos níveis sistêmico e de unidade proporciona uma compreensão aprofundada dos desafios e potencialidades da cooperação sino-russa sob Xi e Putin, problematizando se as deliberações colaborativas de ambos os países nos últimos anos representam uma aproximação tática de curto prazo ou um alinhamento estratégico de longo prazo.

Em síntese, o estudo caracteriza-se como teórico-empírico, baseado na vertente qualitativa de pesquisa e cuja coleta e análise serão de caráter exploratório, empreendidos por meio da análise crítica de dados documentais e bibliográficos. Serão analisadas fontes secundárias para elucidação dos argumentos, com ênfase em autores chineses e russos. Além disso, também serão utilizadas fontes primárias, notícias e declarações de autoridades governamentais no que concerne à temática abordada.

2 O REALISMO NEOCLÁSSICO COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE DE POLÍTICA EXTERNA E A RELAÇÃO SINO-RUSSA

Tendo seu principal alvo explicativo no comportamento de política externa dos Estados, o Realismo Neoclássico diferencia-se de seus antecessores na medida em que busca combinar variáveis sistêmicas e de unidade, considerando a análise de ambos os níveis separadamente como insuficiente e visando delimitar uma abordagem mais robusta (ROSE, 1998; SCHWELLER, 2004; RIPSMAN; TALIAFERRO; LOBELL, 2016). Sob tal perspectiva, infere-se que “o escopo e a ambição da política externa de um país são impulsionados, primeiramente, pelo seu lugar no Sistema Internacional e, especificamente, pelas suas capacidades relativas de poder material”, mas, ao mesmo tempo, que “o impacto de tais capacidades de poder na política externa é indireto e complexo, porque as pressões sistêmicas (*system-level factors*) devem ser traduzidas através de variáveis intervenientes ao nível da unidade” (*unit-level factors*) (ROSE 1998, p. 146; KOROLEV; PORTYAKOV, 2018).

Em linhas gerais, a configuração da balança de poder do Sistema Internacional corresponde como a principal variável a nível de sistema (*system-level factor*) para a definição dos parâmetros gerais do comportamento dos estados. A anarquia e a distribuição das capacidades correspondem como fatores estruturais de impacto, influenciando no “equilíbrio de poder” (WALTZ, 1979) e no “equilíbrio de interesses” (SCHWELLER, 1998)**.** As variáveis a nível de unidade (*unit-level factors*), por sua vez, podem compreender diversas características internas dos estados, como a imagem dos líderes, a cultura estratégica do país

ou a estrutura das instituições domésticas, por exemplo. Além disso, podem abarcar características geopolíticas (ou circunstâncias em ambientes geopolíticos) que não estejam diretamente ligadas com o padrão de polaridade do Sistema Internacional, sendo predominantemente enraizadas em interesses políticos ou econômicos, internos ou regionais (RIPSMAN; TALIAFERRO; LOBELL, 2016, p. 114-117; KOROLEV; PORTYAKOV, 2018).

Utilizando da teoria do Realismo Neoclássico, estabelece-se uma linha de base estrutural (*structural baseline*) de comportamento na qual a configuração da balança de poder do Sistema Internacional impulsiona um alinhamento cooperativo para a relação sino-russa. Após isso, acrescenta-se uma camada crítica de variáveis intervenientes a nível da unidade (*unit-level factors*) que se enquadram entre os parâmetros sistêmicos (*system-level factors*) e a política externa real dos estados e modificam o impacto do primeiro sobre o último, fortalecendo ou enfraquecendo a linha de base estrutural (ROSE, 1998; SCHWELLER, 2004; RIPSMAN; TALIAFERRO; LOBELL, 2016; KOROLEV; PORTYAKOV, 2018).

Este argumento infere que Pequim e Moscou concordam com a resistência estratégica às pressões da hegemonia dos EUA no contexto sistêmico. Primeiro, aumentando suas capacidades (equilíbrio interno) e, segundo, aprofundando a cooperação bilateral (equilíbrio externo). Os países vêm aumentando os laços econômicos, reforçando parcerias militares e solidificando laços políticos e normativos, em um movimento estratégico de envergadura motivado por forças causais no nível sistêmico de análise. No entanto, eles frequentemente discordam em questões bilaterais ou táticas (políticas ou econômicas) em seus espaços geográficos salientes (COX, 2016; KOROLEV, 2016; KOROLEV; PORTYAKOV, 2019; BOBO, 2023).

O presente artigo visa agregar a essa agenda de pesquisa, com ênfase em fornecer uma contribuição em dois níveis: primeiro, no âmbito teórico, reforçando a utilidade do Realismo Neoclássico como ferramenta de análise de política externa para a cooperação sino-russa; e, segundo, em nível empírico, problematizando o contexto decorrente das consequências dos confrontos militares na Ucrânia, enfatizando as diferenças em ambos os casos (2014 e 2022), e escrutinando a complexidade das interações entre ambos atores na Ásia Central, com ênfase nas reverberações do conflito ampliado[2] em 2022 para tal dinâmica.

---

[2] Tendo em vista que confrontos militares no Leste da Ucrânia iniciaram em 2014, se trabalhará com a denominação de “conflito ampliado” para referenciar a invasão em grande escala pela Rússia (que a caracteriza como Operação Militar Especial) à Ucrânia em fevereiro de 2022.

3 O IMPACTO DO CONFLITO NA UCRÂNIA NAS RELAÇÕES SINO-RUSSAS

A primeira variável em nível de unidade analisada é o conflito na Ucrânia e suas reverberações para as relações sino-russas. As ações militares assertivas da Rússia na Ucrânia referendaram uma diferença de visão e abordagem dos dois países frente a desafios geopolíticos e ocasionaram consequências relevantes para a ordem internacional, realçando uma divisão entre países que condenaram e buscaram punir a Rússia e outros que optaram por manter uma posição de neutralidade. Devido a importância estratégica e geopolítica da China, sua posição foi escrutinada e considerada uma variável crítica para o contexto vigente desde então.

Em relação às dimensões política e diplomática, a China considera o *engajamento construtivo* como a terminologia ideal para definir sua postura, em vez da neutralidade. Pequim entende que essa abordagem envolve uma atitude proativa e flexível, em vez de uma política passiva e rígida. Além disso, tal ponto de vista infere assumir a responsabilidade em promover condições para a orientação da situação para uma direção mais construtiva. A representação prática da posição da China é a proposição de doze pontos para a Solução Política da Crise da Ucrânia formulada pelo Ministério das Relações Exteriores da China em fevereiro de 2023[3] (MINISTRY, 2023; ZHAO, 2023). A diplomacia chinesa tem sido ativa em tentar promover uma agenda produtiva de negociações, como evidenciado pelo recente comunicado conjunto com o Brasil demandando uma conferência de paz reconhecida por ambos os atores beligerantes. Tal perspectiva é criticada por alguns atores ocidentais, que não endossam a participação russa nas discussões, como evidenciado na Cúpula de Paz organizada pela Suíça em julho (BRASIL, 2024; QINGQING; YUNYI, 2024).

No que diz respeito aos imperativos estratégicos e às condições geopolíticas que influenciaram o desenvolvimento da situação atual, a posição da China possuí nuances e discordâncias com ambos os lados. Em geral, o discurso sobre as causas do conflito possuí dois principais argumentos explicativos: o ucraniano, adotado pelos EUA e seus aliados na Europa, que se concentra no expansionismo russo e nas ambições autocráticas de Putin; e o russo, que descreve um contexto histórico de uma evolução de pressão estratégica e militar

[3] As doze propostas são as seguintes: 1) Respeitar a soberania de todos os países; 2) Abandonar a mentalidade da Guerra Fria; 3) Cessar as hostilidades; 4) Retomar as negociações de paz; 5) Resolver a crise humanitária; 6) Proteger civis e prisioneiros de guerra (POWs); 7) Manter as usinas nucleares seguras; 8) Reduzir os riscos estratégicos; 9) Facilitar as exportações de grãos; 10) Acabar com as sanções unilaterais; 11) Manter as cadeias industriais e de suprimentos estáveis; 12) Promover a reconstrução pós-conflito (MINISTRY, 2023).

em sua direção, por meio da expansão da OTAN para o leste, e justifica suas ações com base em considerações de segurança nacional. A posição da China adota um tom reconciliador e se posiciona em uma linha intermediária. No entanto, considera a compreensão macro e histórica como uma explicação mais robusta, dando ênfase aos problemas decorrentes do processo ineficiente de desenvolvimento da arquitetura de segurança europeia após o fim da Guerra Fria (BOBO, 2023; ZHAO, 2023).

Contudo, divergências com as ações russas também são pronunciadas. As considerações de Pequim sobre sua discordância com a resolução de disputas usando força militar são claras e reiteradas consistentemente. Além disso, a China manteve um ponto de vista de defesa da integridade territorial da Ucrânia, incluindo o não reconhecimento da soberania legítima dos *oblasts* ocupados pela Rússia (Lugansk, Donetsk e Zaporizhzhia). No entanto, Pequim referenda o argumento associado a diplomacia russa sobre a indivisibilidade da segurança, que determina que preocupações válidas de segurança de ambos os atores devem ser gerenciadas com a devida consideração e deliberação política honesta e racional (BOBO, 2023; FERRARI; AMBROSETTI, 2019; ZHAO, 2023).

Outrossim, a ação assertiva da Rússia na Ucrânia ocasionou inconveniências políticas para Pequim. A proximidade do início da ofensiva russa da reunião bilateral na qual Xi e Putin externaram a ideia de uma “parceria sem limites” (JOINT..., 2022) permitiu a noção de que a China estava ciente dos planos da Rússia com antecedência, afetando sua credibilidade. Ademais, a hostilidade para com a China na Europa aumentou (JOHNSON, 2022), apesar do esforço de Xi de se apresentar como um mediador visando à uma solução política para a guerra na Ucrânia (FULL..., 2023). Além disso, correlações sobre a situação no Leste Europeu com a postura da China frente à Taiwan geraram preocupações em Pequim, incrementando um cenário de confrontação com os Estados Unidos (EUA). O presidente Joe Biden, inclusive, reiterou em algumas oportunidades a possibilidade de tropas norte-americanas auxiliarem na defesa da ilha em caso de um ataque chinês (BRUNNSTROM; HUNNICUTT, 2022), solidificando uma posição ideológica popular na grande mídia e academia americana sobre uma necessidade objetiva de se opor ao “eixo de autoritários” (ELLINGS; SUTTER, 2018). Devido a esse contexto, Xi foi vocal, especialmente em 2022, sobre sua discordância com o rumo beligerante das desavenças russo-ucranianas, apresentando críticas e questionamentos sobre a postura da Rússia em diferentes ocasiões, como na cúpula da OCX em 2022 e em reunião bilateral em Pequim com o Chanceler alemão Olaf Scholz, por exemplo (CONNOLLY, 2022; HUNDER, 2022; WISHNICK, 2022).

Apesar de posições não alinhadas, contudo, a resiliência da relação cooperativa se mantém. Guardadas as devidas proporções, a resposta da China ao início do confronto militar em 2014 e à anexação da Crimeia é um precedente interessante e serve de base para comparação. Oficialmente, Pequim desaprovou ambos os desenvolvimentos, inclusive não reconhecendo a soberania russa sobre a península. Logo após a decisão da Rússia de anexar a Crimeia, Pequim emitiu uma série de declarações que ecoavam seus princípios de política externa e representavam uma crítica velada ao comportamento de Moscou, como argumentos sobre a defesa da soberania, resolução pacífica de disputas e não utilização do uso da força. No entanto, a China também sinalizou movimentos favoráveis à Rússia, como no caso da abstenção na votação do Conselho de Segurança da ONU sobre uma resolução condenando o referendo na Crimeia (COX, 2016; FERRARI; AMBROSETTI, 2019).

Em última análise, as visões divergentes não impactaram negativamente o fluxo cooperativo geral, e a China se consolidou como um pilar fundamental para contrabalançar as sanções econômicas impostas pelos EUA e seus aliados. Em meio a tal contexto, Pequim e Moscou firmaram acordos relevantes em setores estratégicos como os âmbitos energético e militar, e incrementaram seu comércio em diversas de áreas, como tecnologia, agricultura, infraestrutura e aviação. Vale destacar, nesse sentido, o acordo para a exportação de 38 bilhões de metros cúbicos de gás por ano, entre 2018 e 2048, da Gazprom para a China National Petroleum Corporation, por um valor em torno de US$ 400 bilhões, que Putin caracterizou como o acordo mais importante da história da indústria de gás da Rússia (COX, 2016; SKALAMERA, 2018).

Desse contexto infere-se que mesmo que a China estivesse descontente com as ações militares assertivas da Rússia na Ucrânia e as reações retaliatórias dos EUA e seus aliados, tal sentimento não foi suficientemente impactante para influenciar negativamente a progressão da cooperação bilateral com Moscou, devido a importância estratégica elencada para tal parceria. E, em relação à situação atual, há fortes evidências e argumentos para sustentar a mesma linha de raciocínio.

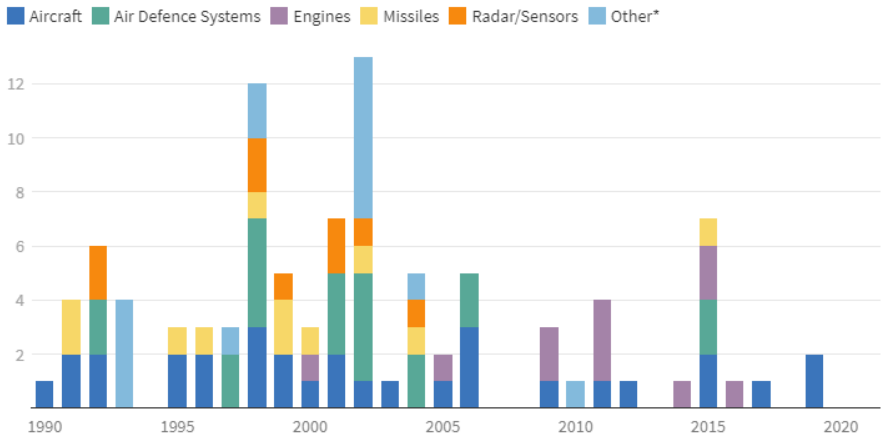
Em relação à dimensão econômica, a principal consequência do conflito ampliado é que ele acentuou o desequilíbrio de poder existente no relacionamento bilateral e contribuiu para a assimetria crescente em favor da China. O início do confronto militar em 2014 acelerou um processo de ajuste cauteloso de Moscou às crescentes capacidades de poder e influência crescente de Pequim. No entanto, a escala das hostilidades desde 2022 e as contramedidas aplicadas, como um regime de sanções sem precedentes e a exclusão da Rússia do mercado europeu, intensificou essa dinâmica, com a importância de Pequim como parceiro estratégico,

político e econômico de Moscou aumentando exponencialmente. Tal perspectiva pode acarretar problemas na relação bilateral futuramente, mas a curto e médio prazo parece improvável, especialmente devido às restrições sistêmicas estruturais, mas também devido a convergência normativa[4] da relação bilateral sob Xi e Putin (FERRARI; AMBROSETTI, 2019; BOBO, 2023; ZHAO, 2023).

No que se refere à dimensão militar, as consequências do conflito ampliado são mistas. Já era perceptível antes de 2022 que os esforços chineses visando atingir melhores níveis de autossuficiência em relação à obtenção de capacidades militares resultariam em uma redução de importação de armas da Rússia (Figura 1). No entanto, os eventos na Ucrânia aceleraram essa dinâmica, com Moscou tendo que priorizar sua demanda interna e com Pequim trabalhando para apoiar seu complexo industrial militar de forma endógena mais assertivamente. Vale destacar, apesar disso, que a Rússia ainda possui algumas variedades de tecnologia militar que são de grande interesse para a China, como motores a jato avançados, capacidades de silenciamento de submarinos e o sistema de mísseis terra-ar S-400 *Triumph*, por exemplo (ERICKSON; COLLINS, 2022; BORDACHEV et al, 2022).

Figura 1 – Encomendas chinesas de equipamento militar da Rússia por tipo (1990-2020)

[4] As interações políticas e diplomáticas sino-russas têm progredido extensivamente sob a liderança concomitante de Xi e Putin, com diversas reuniões governamentais de alto nível e de especialistas sendo conduzidas a cada ano regularmente. Tais engajamentos contribuem para fomentar condições para acordos e solidificam um padrão racional e previsível de comportamento bilateral. China e Rússia expressam essa agenda tanto em seus compromissos bilaterais, como também incentivam tais práticas em instituições multilaterais nas quais têm posições de liderança, como a Organização de Cooperação de Xangai (SCO), por exemplo, objetivando alcançar mais eficiência e benefícios práticos dessas interações coletivas. O próximo relacionamento interpessoal dos dois líderes e sua visão compartilhada sobre muitas questões da política internacional é um fator adicional significativo para tal arranjo. Ademais, a perspectiva ideacional também contribuí para a afinidade normativa, visto que ambos os países não percebem em um e no outro uma ameaça ontológica a sua segurança e prosperidade (KRICKOVIC, 2017; ROZMAN, 2014; WISHNICK, 2017; XU; REISINGER, 2019).

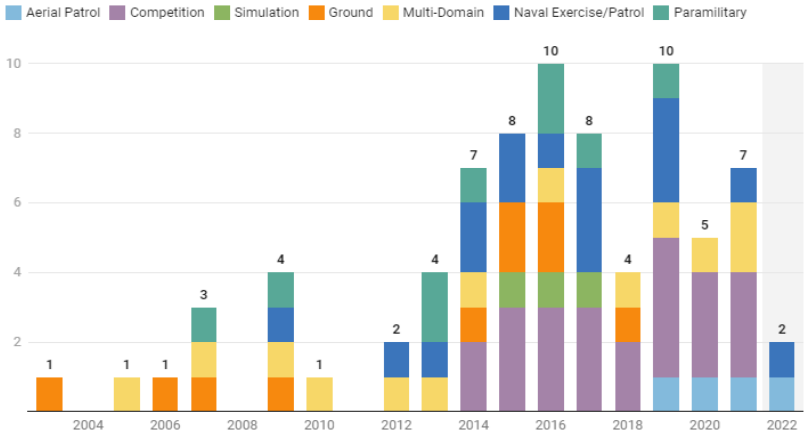


Fonte: (Hart *et al.*, 2022).

Em contrapartida, a importância da China para a Rússia no âmbito militar aumentou moderadamente. Apesar do fortalecimento do complexo industrial militar russo por meio de investimentos estatais em decorrência das necessidades de um conflito prolongado e de um planejamento competente, algumas tecnologias requerem importação devido a alta demanda e/ou complexidade. Vale ressaltar, nesse sentido, chips e microeletrônicos, aparelhos de telecomunicações, dispositivos ópticos, radares, sensores e máquinas para manufaturas (*machine-tools*). Tais produtos são determinantes para a construção e reparos de equipamentos avançados, como mísseis de cruzeiro, motores de drones, tanques e aeronaves, por exemplo (SHER, 2024). Tais itens são considerados como de dupla utilização (*dual-use*), devido a serem necessários tanto no âmbito civil quanto militar, mas foram alvo de sanções em decorrência do entendimento de que são de alta prioridade para a base industrial de defesa da Rússia. Inclusive, Pequim foi hipocritamente acusada pelos EUA e seus aliados europeus de ser um facilitador decisivo (*decisive enabler*) para o prolongamento das hostilidades na Ucrânia em decorrência de tal ênfase cooperativa.

Em relação aos exercícios militares conjuntos, porém, a situação é de continuidade. Os países mantém interações regularmente e, mesmo após a conflito ampliado em 2022, um contingente chinês participou do exercício Vostok-2022 e patrulhas aéreas e navais foram realizadas no Mar do Japão e no Mar da China Oriental em 2022, por exemplo (FERRIS; NOUWENS, 2022; “RUSSIA...”, 2022). Tais exemplos indicam que esse arranjo cooperativo provavelmente permanecerá inalterado. A razão mais provável para essa perspectiva é a importância que ambos os países atribuem aos exercícios militares conjuntos, que possuem uma trajetória ascendente durante a liderança concomitante de Xi e Putin (Figura 2), especialmente devido a sua maturação em dois aspectos: a expansão geográfica e a multilateralidade.

Figura 2 - Exercícios militares conjuntos sino-russos por tipo (2004-2022)



Fonte: (Hart *et al.*, 2022).

Outra dimensão da cooperação bilateral que experimentou crescimento acelerado após os desenvolvimentos na Ucrânia é o comércio energético. Dada sua conexão relevante com a segunda variável de nível de unidade proposta no arcabouço teórico, ela será analisada na seção seguinte.

4 A DINÂMICA SINO-RUSSA NA ÁSIA CENTRAL: ENTRE COOPERAÇÃO E COMPETIÇÃO

A segunda variável de unidade diz respeito a dinâmica sino-russa na Ásia Central e as perspectivas dissonantes relacionadas a reverberação do conflito ampliado na Ucrânia para tal contexto. Apesar de considerações da Rússia sobre interesses geopolíticos substanciais nesta região, a influência da China na Ásia Central tem aumentado em ritmo acelerado. Especialmente após o colapso da União Soviética, os estados da região optaram por diversificar suas relações com o objetivo de atrair novas parcerias econômicas. Nesse contexto, a China aproveitou a oportunidade, apresentando-se como um ator benevolente em busca de acordos visando ganhos mútuos. Desde o início dos anos 2000, a China promoveu uma estratégia de aprofundamento do engajamento com os países da Ásia Central, fornecendo empréstimos multibilionários e se tornando o principal credor e investidor na região, com ênfase em projetos de infraestrutura nos setores de energia, mineração e logística. Como exemplo empírico, o China Global Investment Tracker contabiliza 55 bilhões de dólares de investimento chinês na região de 2005 a 2020 (GABUEV, 2016; PASZAK, 2020).

Dadas as tendências da economia mundial e circunstâncias objetivas, como a proximidade geográfica e condições favoráveis para interdependência, o realinhamento

econômico da Ásia Central em direção a Pequim era um cenário previsível. A Rússia estava em aquiescência com um papel chinês maior na região, desde que seus interesses estratégicos e geopolíticos fossem levados em consideração. Os principais pontos de potencial discordância dizem respeito ao papel da Rússia como o provedor de segurança para os países da Ásia Central e seu status de grande potência na região, emanado de laços históricos, culturais e sociais que derivam da influência da era soviética (WILSON, 2021; ZHAO, 2015).

Uma descrição influente das relações sino-russas na Ásia Central é de uma divisão de trabalho equilibrada, na qual a Rússia é a garantidora da segurança e a China se concentra na dimensão econômica. Vários autores escrevem sobre ambos os países endossando um entendimento a esse respeito e buscando uma estratégia de divisão equitativa de funções. O principal argumento para essa explicação é o fato de que ambos os países compartilham interesses estratégicos na região, com ênfase no combate ao terrorismo, que é a maior causa de instabilidade na Ásia Central e áreas vizinhas. A preocupação fundamental é o transbordamento do extremismo e a escalada da violência, dado que as tensões que surgem na região podem ter um impacto negativo em áreas sensíveis como Xinjiang, na China, e os Urais e a Sibéria Central, na Rússia, dada a proximidade geográfica (ZHAO, 2015; BORDACHEV, 2016; LUKIN, 2020; BOBO LO, 2023).

No entanto, visões divergentes sobre alguns desenvolvimentos na região são perceptíveis e podem ser vistas como rachaduras aparentes em tal estrutura de cooperação. O mais significativo é o crescimento progressivo da presença da China no âmbito militar e securitário. O principal impulsionador dessa tendência é a expansão de projetos de infraestrutura no escopo da iniciativa da Nova Rota da Seda, muitos deles construídos por empresas, equipamentos e força de trabalho chineses. Tal contexto demandou exigências securitárias, especialmente em lugares com maiores tendências a sentimentos xenófobos hostis à China. Uma repercussão chave dessa questão foi a opção de Pequim pela utilização de Empresas de Segurança Privada para executar a tarefa de proteger os projetos, com até seis empresas chinesas desse ramo empregadas em tais missões na Ásia Central (YAU; KLEY, D., 2020; WILSON, 2021; MARKUSEN, 2022).

Além disso, tanto a Rússia quanto a China têm acordos bilaterais com países da Ásia Central em diversas dimensões cooperativas, entre elas a segurança. Ao comparar os compromissos e o engajamento geral a esse respeito, como em relação a vendas de armas, exercícios militares bilaterais e treinamento, a liderança russa é clara. Por exemplo, Moscou entregou 3,8 bilhões de dólares em equipamentos e materiais militares para a Ásia Central

desde 1991, fornecendo mais de 80% das importações de armas do Cazaquistão, Quirguistão e Tajiquistão no período de 1991 a 2018 (JARDIN; LEMON, 2020, p. 4). Além disso, a Rússia opera duas bases militares na região: em Dushanbe, no Tajiquistão (com mais de 7.000 tropas); e em Kant, no Quirguistão (com mais de 500 tropas) (WILSON, 2021). E o mais importante, a Rússia lidera a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC), uma aliança militar intergovernamental que serve como pedra angular da segurança da Ásia Central, realizando tarefas como exercícios militares regulares, missões de manutenção da paz e mantendo uma Força de Reação Rápida Coletiva.

A importância da China, apesar de menor, está aumentando. Desde 2014, o país expandiu sua relação militar com os estados da Ásia Central, inclusive com a implicação de dominar setores nos quais tem uma vantagem qualitativa em comparação à Rússia, como drones armados. No geral, desde 2000, a China exportou até 717 milhões de dólares, com 97% das vendas sendo feitas após 2014 (JARDIN; LEMON, 2020, p. 2). Em relação à infraestrutura militar, Pequim opera apenas uma base, que é oficialmente considerada uma "estação de guarda de fronteira", na Região Autônoma de Gorno Badakhshan, no Tajiquistão. Entretanto, bases adicionais estão sendo desenvolvidas, dada a agenda de preocupações antiterroristas da China. Outro componente dessa estratégia é o Mecanismo de Cooperação e Coordenação Quadrilateral, estabelecido pela China, em cooperação com o Tajiquistão, Paquistão e Afeganistão, com ênfase na dissuasão de atividades terroristas na região (WILSON, 2021).

Diferentemente de sua influência na dimensão econômica, esse desenvolvimento desafiaria ontologicamente o papel mais proeminente da Rússia na região, como o principal provedor de segurança, bem como prejudicaria um importante alicerce do equilíbrio de atribuições que sustentam a eficiência e a produtividade da cooperação sino-russa na Ásia Central. Além disso, a crescente assimetria nas capacidades de poder, a assertividade progressiva da política externa da China e a retirada dos EUA da região são sublinhadas por alguns autores como incentivos materiais e estruturais para um potencial desenvolvimento disruptivo para as relações sino-russas na região (GOBLE, 2020; WILSON, 2021). Apesar desse argumento, no entanto, há pouca evidência de descontentamento da Rússia com as ações chinesas a esse respeito até agora nas agendas políticas formais, bem como no discurso acadêmico (GABUEV; ZUENKO, 2018).

Outra dimensão das relações sino-russas na Ásia Central com potencial para uma dinâmica competitiva problemática é o comércio energético. Após a escalada do confronto militar em 2022 e o estabelecimento de sanções que interromperam as relações energéticas

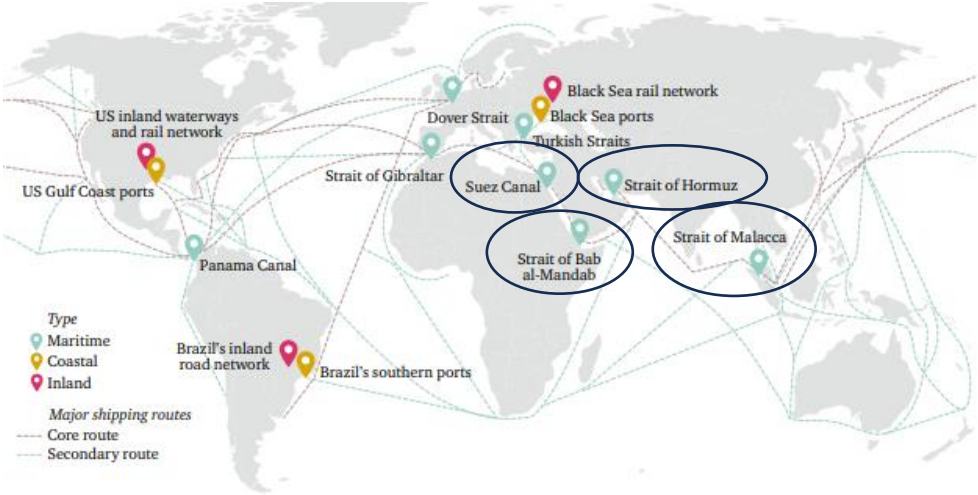
da Rússia com a Europa, a importância da China neste setor cresceu exponencialmente. Neste contexto, a questão da competição entre a Rússia e os países da Ásia Central pelo mercado chinês começou a ser mais pronunciada.

Tradicionalmente, a dimensão econômica tem sido a área menos vigorosa da parceria sino-russa. Nos últimos anos, no entanto, ela se expandiu consideravelmente. O comércio bilateral atingiu o valor histórico de 190 bilhões de dólares em 2022 (um aumento em comparação com 147 bilhões de dólares em 2021) (CHINA-RÚSSIA..., 2023). Em 2023, outro recorde foi alcançado, com 240 bilhões de dólares em comércio bilateral (CHINA-RÚSSIA..., 2024), principalmente devido a aumentos consideráveis nos volumes de negociação de petróleo, outras commodities e bens de consumo em geral.

Apesar do desequilíbrio a favor de Pequim, há uma convergência de interesses que permeia essa assimetria e permite uma agenda colaborativa eficiente. Da perspectiva russa, a China é um vetor chave para a diversificação de suas exportações de commodities e para contrabalançar os efeitos das sanções impostas pelos EUA e seus aliados. Da perspectiva chinesa, a Rússia é um mercado interessante para a penetração de suas empresas de maior valor agregado, especialmente nas áreas de tecnologia e bens de consumo (GABUEV, 2016). O setor energético, nesse contexto, representa um componente chave tanto de cooperação quanto de competição. Desde 2022, tal comércio aumentou significativamente. Em 2023, a Rússia ultrapassou a Arábia Saudita como o principal fornecedor de petróleo bruto da China. Os dados mostram um crescimento relevante nas importações chinesas da Rússia: 24% de aumento de petróleo bruto, em relação a 2022, e 77% de aumento de gás liquefeito de petróleo (GLP), em relação a 2021 (GRIFFIN, 2023).

O aprofundamento da cooperação energética com a Rússia representa uma oportunidade relevante para a China reduzir uma de suas principais vulnerabilidades na dimensão geopolítica, que é a dependência crítica da importação de commodities de parceiros do Oriente Médio, que demandam passagem por estreitos marítimos internacionais suscetíveis a ações ofensivas de competidores estratégicos de Pequim (como o Canal de Suez, o Estreito de Malaca, o Estreito de Ormuz e o Estreito de Bab al-Mandab) (Figura 3) (SKALAMERA, 2014).

Figura 3 – Estreitos marítimos internacionais e principais rotas de comércio



Fonte: (Bailey; Wellesley, 2017).

No entanto, a China aborda os países da Ásia Central com uma visão semelhante, com ênfase na diversificação de parcerias e das rotas de trânsito de importação de commodities. Pequim opta por acordos em diferentes regiões visando justamente se proteger de amarras geopolíticas. Contudo, apesar de diversas fontes de abastecimento (Rússia, Oriente Médio, Ásia Central, África) e de tipos de energia (petróleo, carvão, gás, renováveis), a grande maioria das importações energéticas chinesas provém de comércio marítimo, que demandam trânsito por estreitos problemáticos. A força potencial da Rússia nessa relação refere-se ao fato de que pode oferecer uma fonte confiável e segura de petróleo e gás, em grandes quantidades, por via terrestre. Nessa lógica, os principais competidores de Moscou seriam os parceiros da China na Ásia Central, que também oferecem essas condições, e estão fortemente inseridos na iniciativa da Nova Rota da Seda, inclusive com infraestruturas logísticas mais bem desenvolvidas (ERICKSON; COLLINS, 2022; GUAN, 2022).

Tais perspectivas representam um possível ponto de dissonância para a aproximação sino-russa vigente. A possível diminuição da condição ontológica da Rússia como provedor de segurança da região e a competitividade pelo mercado chinês no âmbito energético entre a Rússia e os países da Ásia Central são variáveis em nível de unidade que tem potencial para acarretar discordâncias de caráter estratégico e normativo, que são justamente os pontos privilegiados da relação cooperativa nutrida sob Xi e Putin.

5 CONCLUSÃO

Em conclusão, constata-se que considerações geoeconômicas e geopolíticas decorrentes de duas questões destacadas no nível da unidade (considerações divergentes sobre a crise na Ucrânia e a competição sino-russa na Ásia Central) contrabalançam moderadamente o ímpeto

de alinhamento decorrente da variável sistêmica e geram ambiguidade ao relacionamento cooperativo. A dinâmica resultante é a resistência conjunta frente às pressões dos EUA e seus aliados no âmbito sistêmico (*i.e. global balancing*), ao mesmo tempo em que ocorre a competição na escala regional, em particular na Ásia Central (KOROLEV, 2016; KOROLEV; PORTYAKOV, 2018; KOROLEV; PORTYAKOV, 2019).

Entretanto, no cenário internacional vigente, é possível discernir um processo gradual no qual as duas perspectivas no nível de unidade estão sendo compensadas pelo aprofundamento das restrições contextuais decorrentes do nível sistêmico, com ênfase nas estratégias assertivas de contenção dos EUA e seus aliados que se opõem a China e Rússia e são vistas como ameaças existenciais a segurança ontológica e material dos regimes, tais como: expansão da OTAN e estabelecimento de alianças militares na Ásia[5]; implementação de sistemas de defesa antimísseis na Europa e na Ásia[6]; esforços dos EUA de manipulação política (promovendo agendas como defesa da democracia para efetuar mudanças de regime) em territórios sensíveis aos interesses sino-russos (Ucrânia, Taiwan, etc.); e o impacto das sanções econômicas e suas reverberações.

Tais estratégias condicionam o nível de permissividade do Sistema Internacional a um grau de maior restritividade para os interesses de China e Rússia. Segundo a lógica realista neoclássica, o ambiente externo é restritivo para as ações dos Estados quanto mais iminentes forem as ameaças e oportunidades e, além disso, quanto mais expressiva for a ameaça e mais instigante for a oportunidade. Por outro lado, quanto mais distantes forem as ameaças e menos intensas forem as oportunidades, o ambiente estratégico é considerado mais permissivo (SCHWELLER, 1998; SCHWELLER, 2004; RIPSMAN; TALIAFERRO; LOBELL, 2016).

Conclui-se, nesse sentido, que considerações críticas decorrentes de um ambiente sistêmico restritivo inferem na noção de que os ganhos reais de um alinhamento aprofundado são essenciais para os objetivos estratégicos dos países, enquanto os incentivos potenciais para um posicionamento contrário são pouco atrativos. Por exemplo, no tocante ao posicionamento chinês em relação à Ucrânia, entende-se que a oposição de Pequim à Rússia

---

[5] QUAD (*Quadrilateral Security Dialogue*, um fórum estratégico informal entre os Estados Unidos, Japão, Australia e Índia) e o AUKUS (acrônimo para Australia, United Kingdom, e United States).

[6] *NATO's Ballistic Missile Defense*, com infraestrutura na Romênia, Polônia e Turquia e com o Comando e Controle na Base Aérea de Ramstein, na Alemanha; o sistema EIAMD (Enhanced Integrated Air and Missile Defense) em Guam e o THAAD (Terminal High Altitude Area Defense) na Coreia do Sul, por exemplo.

não mudaria as estratégias dos EUA de contenção da China de forma significativa, mas definitivamente colocaria em risco as relações sino-russas. O cálculo de custo e benefício, portanto, é claramente favorável à manutenção da postura atual.

Dado esse contexto, é improvável que os obstáculos de nível de unidade determinem impacto suficiente para provocar a persuasão nos países para uma mudança de direção na dinâmica cooperativa. Além disso, a crescente afinidade normativa entre a Rússia e a China na abordagem política e diplomática e na perspectiva ideacional durante a liderança concomitante de Xi e Putin infere um processo gradual de aprofundamento de agendas cooperativas sinérgicas com efeitos práticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAILEY, Rob; WELLESLEY, Laura. Chokepoints and vulnerabilities in global food trade. London: **The Royal Institute of International Affairs**, 2017. 124p.

BOBO, Lo. The Sino-Russian partnership: assumptions, myths and realities. Paris: Efri, **Russie.Nei.Reports, n. 42**, p.1-38, 2023.

BORDACHEV, T. *et al.* Russia-China strategic partnership in the context of the crisis in Europe. Moscow: **Valdai Discussion Club**, p. 1-31, 2022.

BORDACHEV, T. Russia and China in Central Asia: The Great Win-Win Game. **Valdai papers**, p.1-15, 2016.

BRASIL. Relações Exteriores. **Brasil e China apresentam proposta conjunta para negociações de paz com participação de Rússia e Ucrânia** [Brasília]: Ministério das Relações Exteriores, 23 mai. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2024/05/brasil-e-china-apresentam-proposta-conjunta-para-negociacoes-de-paz-com-participacao-de-russia-e-ucrania - Acesso em: 30/07/2024.

BRUNNSTROM, David; HUNNICUTT, Trevor. Biden says U.S. forces would defend Taiwan in the event of a Chinese invasion. **Reuters**, London, set. 2022. Disponível em: https://www.reuters.com/world/biden-says-us-forces-would-defend-taiwan-event-chinese-invasion-2022-09-18/ – Acesso em: 02/07/2024.

CHINA-RUSSIA trade rises 34.3% to $190 billion in 2022, a new record high. **Global Times**, Beijing, January 13, 2023. Disponível em: https://www.globaltimes.cn/page/202301/1283761.shtml. - Acesso em: 13/07/2024.

CHINA-RUSSIA trade value hits record high of $240 bln - Chinese customs. **Reuters**, January 12, 2024. Disponível em: https://www.reuters.com/markets/china-russia-2023-trade-value-hits-record-high-240-bln-chinese-customs-2024-01-12/. - Acesso em: 25/07/2024.

CONNOLLY, Kate. China and Germany condemn Russian threat to use nuclear weapons in Ukraine. **The Guardian**, London, November 4, 2022. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/2022/nov/04/scholz-china-germany-visit-lets-work-together-says-xi – Acesso em: 07/06/2024.

COX, Michael. Not just ‘convenient’: China and Russia’s new strategic partnership in the age of geopolitics. **Asian Journal of Comparative Politics**, v. 1 (4). pp. 317-334. Jul. 2016.

ELLINGS, Richard; SUTTER, Robert (eds.). Axis of authoritarians: implications of China-Russia cooperation. Washington: **The National Bureau of Asian Research**, 2018.

ERICKSON, Andrew; COLLINS, Gabriel. Putin’s Ukraine invasion: turbocharging Sino-Russian collaboration in energy, maritime security, and beyond? **Naval War College Review,** Newport, v. 75, n. 4, p. 1-36, 2022.

FERRARI, Aldo; AMBROSETTI, Eleonora. Russia and China: anatomy of a partnership. Milano: **LediPublishing**, p. 1-143, 2019.

FERRIS, Emily; NOUWENS, Veerle. Russia’s Vostok 2022 military drills: not size or tanks, but context. **Royal United Services Institute (RUSI)**, London, 15 September, 2022. Disponível em: https://www.rusi.org/explore-our-research/publications/commentary/russias-vostok-2022-military-drills-not-size-or-tanks-context - Acesso em: 12/05/2024.

GABUEV, Alexander. Friends with benefits? Russian-Chinese relations after the Ukraine crisis. **Carnegie Endowment for International Peace**, Moscow, jun. 2016. Disponível em: https://carnegieendowment.org/2016/06/29/friends-with-benefits-russian-chinese-relations-after-ukraine-crisis-pub-63953. - Acesso em: 20/06/2024.

GABUEV, Alexander & ZUENKO, Ivan. The “Belt and Road” in Russia: Evolution of Expert Discourse. **Russia in Global Affairs**. 16, p. 142-163, 2018.

GOBLE, P. Russian Military Seeking to Counter Growing Chinese Role in Central Asia. **Eurasian Daily Monitor** 17, n. 88, June 18, 2020.

GRIFFIN, Rosemary. Russia ready to increase oil supplies to China after sanctions hit Western exports. **S&P Global Commodity Insights**, Arlington, 21 March, 2023. Disponível em: https://www.spglobal.com/commodityinsights/en/market-insights/latest-news/oil/032123-russia-ready-to-increase-oil-supplies-to-china-after-sanctions-hit-western-exports. - Acesso em: 26/06/2024.

HART, Brian *et al.* How deep are China-Russia military ties? **China Power**, Washington, ago. 2022. Available at: https://chinapower.csis.org/china-russia-military-cooperation-arms-sales-exercises/ - Disponível em: 18/05/2024.

HUNDER, Max. Putin acknowledges China's concerns over Ukraine in sign of friction. **Reuters**, London, September 15, 2022. Disponível em: https://www.reuters.com/world/europe/putin-acknowledges-chinas-concerns-over-ukraine-sign-friction-2022-09-15/#:~:text=KYIV%2C%20Sept%2015%20(Reuters),Russian%20losses%20on%20the%20ground – Acesso em: 11/06/2024.

JARDIN, B.; LEMON, E. In Russia’s Shadow: China’s Rising Security Presence in Central Asia. **Kennan Cable, no. 52**. Wilson Center, May 2020.

JOHNSON, Ian. Has China lost Europe? How Beijing’s economic missteps and support for Russia soured European leaders. **Foreign Affairs**, jun. 2022. Disponível em: https://www.foreignaffairs.com/articles/china/2022-06-10/has-china-lost-europe - Acesso em: 02/06/2024.

JOINT statement of the Russian Federation and the People's Republic of China on the international relations entering a new era and the global sustainable development. **President of Russia**, February 4, 2022. Disponível em: http://www.en.kremlin.ru/supplement/5770 - Acesso em: 22/06/2024.

KOROLEV, A.; Systemic Balancing and Regional Hedging: China–Russia Relations, **The Chinese Journal of International Politics,** v. 9, Issue 4, p. 375–397, 17 Nov. 2016.

KOROLEV, A.; PORTYAKOV, V. China-Russia Relations in Times of Crises: A Neoclassical Realist Explanation. **Asian perspective**, v. 42. p. 411–437, 2018.

KOROLEV, A.; PORTYAKOV, V. Reluctant allies: system-unit dynamics and China-Russia relations. **International Relations**, v. 33, n. 1, p. 40–66, mar. 2019.

KRICKOVIC, A. The Symbiotic China-Russia Partnership: Cautious Riser and Desperate Challenger. **The Chinese Journal of International Politics**, v. 10, n. 3, p. 299–329, 2017.

LEAHY, J.; DING, W.; LIU, N. Chinese trade rebounds on electronics and exports to Russia. **Financial Times**, March 7, 2024. Disponível em: https://www.ft.com/content/44c673b1-4eb5-4233-9c4a-a6980221b3d8 – Acesso em: 29/06/2024.

LUKIN, Artyom. The Russia-China Entente and its Future. **International Politics**, v. 58, n. 3, p. 363–380, 2020.

MARKUSEN, M. A Stealth Industry - The Quiet Expansion of Chinese Private Security Companies. **CSIS Brief**, January 12, 2022. Disponível em: https://www.csis.org/analysis/stealth-industry-quiet-expansion-chinese-private-security-companies - Acesso em: 03/07/2024.

MINISTRY of Foreign Affairs of the People's Republic of China. **China's Position on the Political Settlement of the Ukraine Crisis**. February 24, 2023. Disponível em: https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/zxxx_662805/202302/t20230224_11030713.html - Acesso em: 12/07/2024.

MINISTRY of Foreign Affairs of the People's Republic of China. **President Xi Jinping Speaks with Russian President Vladimir Putin on the Phone.** February 25, 2022. Disponível em: https://www.fmprc.gov.cn/eng/zxxx_662805/202202/t20220225_10645701.html – Acesso em: 22/06/2024.

PASZAK, Paweł. China and Russia in Central Asia – Rivalry or Division of Labor? **The Warsaw Institute**, December 10, 2020. Disponível em: https://warsawinstitute.org/china-russia-central-asia-rivalry-division-labor/ - Acesso em: 18/07/2024.

QINGQING, C., YUNYI, B. China maintains communication on possible peace talk in Switzerland on Ukraine crisis: Chinese diplomat. **Global Times**, March 22, 2024. Disponível em: https://www.globaltimes.cn/page/202403/1309341.shtml - Acesso em: 12/07/2024.

RIPSMAN, Norrin M.; TALIAFERRO, Jeffrey W.; LOBELL, Steven E. Neoclassical Realist Theory of International Politics. **Oxford University Press**, New York, 2016.

ROSE, G. Review: Neoclassical Realism and Theories of Foreign Policy. **World Politics**, v. 51(1), pp. 147–72, 1998.

ROZMAN, Gilbert. The Sino-Russian Challenge to the World Order: National Identities, Bilateral Relations, and East versus West in the 2010s. Washington, DC: **Woodrow Wilson Center Press**, 2014.

RUSSIA and China hold naval drills, practice submarine capture. **Reuters**, London, 28 December, 2022. Disponível em: https://www.reuters.com/world/russia-china-hold-naval-drills-practise-submarine-capture-2022-12-28/ - Acesso em: 09/06/2024.

RUSSIA is China's second-biggest trade partner among non-Asian states — Putin. **TASS**, 18 October, 2023. Disponível em: https://tass.com/economy/1692827 – Acesso em: 30/07/2024.

SHER, Nathaniel. Behind the Scenes: China's Increasing Role in Russia's Defense Industry. **Carnegie Politika**, May 6, 2024. Disponível em: https://carnegieendowment.org/russia-eurasia/politika/2024/05/behind-the-scenes-chinas-increasing-role-in-russias-defense-industry?lang=en – Acesso em: 30/07/2024.

SCHWELLER, Randall, L. Deadly Imbalances: Tripolarity and Hitler's strategy of world conquest. **Columbia University Press**. New York, 1998.

SKALAMERA, Morena. Booming Synergies in Sino-Russian Natural Gas Partnership: 2014 as the Propitious Year. **Belfer Center for Science and International Affairs**, Harvard Kennedy School, 2014.

SKALAMERA, Morena. Understanding Russia's energy turn to China: domestic narratives and national identity priorities. **Post-Soviet Affairs**, v. 34, n. 1, p. 55-77, 2018.

WALTZ, Kenneth. **Theory of International Politics**, Long Grove, Illinois: Waveland Press Inc., 1979.

WEITZ, Richard. Assessing Chinese-Russian military exercises: past progress and future trends. **Center for Strategic and International Studies**, Washington, July 9, 2021. Disponível em: https://www.csis.org/analysis/assessing-chinese-russian-military-exercises-past-progress-and-future-trends - Acesso em: 10/07/2024.

WILSON, Jeanne L. Russia and China in Central Asia: Deepening tensions in the relationship. **Acta Via Serica**, v. 6, n. 1, p. 55-90, 2021.

WISHNICK, Elizabeth. In Search of the 'Other' in Asia: Russia–China Relations Revisited. **The Pacific Review**, v. 30, n. 1, p.114–32, 2017.

WISHNICK, Elizabeth. Still 'No Limits'? The China-Russia partnership after Samarkand. **Russia Matters**, Cambridge, September 22, 2022. Disponível em: https://www.russiamatters.org/analysis/still-no-limits-china-russia-partnership-after-samarkand - Acesso em: 18/07/2024.

XU, B.; REISINGER, W. M. "Russia's Energy Diplomacy with China: Personalism and Institutionalism in Its Policy-making Process." **The Pacific Review**, v. 32, n. 1, p. 1–19, 2019.

YAU, N.; KLEY, D. The Growth, Adaption, and Limitations of Chinese Private Security Companies in Central Asia. **Oxus Society**, October 2020. Disponível em: https://oxussociety.org/wp-content/uploads/2020/10/the-growth-adaptation-and-limitations-of-chinese-private-security-companies-in-central-asia.pdf - Acesso em: 03/07/2024.

ZHAO, H. Explaining China's reaction to the Russia–Ukraine crisis. **China International Strategy Review**, v. 5, p. 24–46, 2023.

ZHAO, H. Sino-Russian Economic Cooperation in the Far East and Central Asia since 2012. **Eurasia Border Review**, v. 6, n. 1, p. 103-121, 2015.